

PERCEPÇÕES DA EQUIPE DE ENFERMAGEM FRENTE AO PACIENTE FORA DE POSSIBILIDADES TERAPÊUTICAS

PERCEPTIONS OF THE NURSING TEAM TO THE PATIENT OUTSIDE THERAPEUTIC POSSIBILITIES

RENATA NATOELI DOS SANTOS BARROS. Enfermeira Preceptora da Faculdade Maurício de Nassau Teresina-PI. E-mail: renatanato-eli@hotmail.com

SUZIANE CARVALHO DE OLIVEIRA. Enfermeira. Mestre em Terapia Intensiva pela Sociedade Brasileira de Terapia Intensiva. E-mail: suzi_ane@hotmail.com.

LUCYANNA CAMPOS GONÇALVES. Enfermeira, Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI. Email: lucyannacamposgoncalves@yahoo.com.br.

ELIETE CARNEIRO DOS SANTOS. Enfermeira, Diretora de Enfermagem do Hospital São Domingos em Parnarama-MA. E-mail: eliete.c.santos@hotmail.com.

ANTONIO WERBERT SILVA DA COSTA*. Enfermeiro, pós-graduando em docência do Ensino Superior pela Faculdade Sinapses, Teresina – PI. E-mail: werbert39@hotmail.com.

AMANDA PEREIRA DE AZEVEDO. Enfermeira graduada pela Associação de Ensino Superior do Piauí – AESPI, Teresina – PI. E-mail: anandanaira@hotmail.com.

LUANA MIRANDA DE ALMEIDA. Enfermeira pós-graduanda em Urgência e Emergência pela Faculdade Integral Diferencial – FACID, Teresina – PI. Email: anaul_mir@hotmail.com.

*Rua Castelo do Piauí, 3506, Buenos Aires, Teresina – PI. CEP 64008-540.

RESUMO

Cuidar de indivíduos com doenças terminais é um modelo de atenção à saúde que vem sendo chamado de “cuidado paliativo”. É essencial aprender a enfrentar a perda no contexto de doença sem prognóstico. O estudo objetiva identificar e descrever as percepções da equipe de enfermagem frente ao paciente fora de possibilidades terapêuticas. Trata-se de uma revisão de literatura em bases de dados de publicações nacionais, nos últimos dez anos. A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de categorização de Minayo (2012), na qual foi possível identificar três categorias. Diante da literatura consultada, observou-se que os profissionais vivenciam situações permeadas de dificuldades, tristeza e sofrimento por parte dos pacientes e familiares. Conclui-se que em alguns momentos, os profissionais são atingidos pelos mesmos sentimentos, e o que diferencia a conduta adotada depende dos conceitos e crenças de cada um frente à situação.

Palavras-chaves: Cuidados de Enfermagem, Morte, Doente terminal, Assistência Terminal.

ABSTRACT

Care for individuals with terminal illness is a health care model that has been called "palliative care". It is essential to learn to cope with the loss in the context of non-prognosis disease. The study aims to identify and describe the nursing

staff perceptions of the patient out of therapeutic possibilities. This is a literature review in national publications databases in the last ten years. Data analysis was performed by Minayo categorization technique (2012), in which it was possible to identify three categories. Given the literature, it was observed that the professionals have permeated situations of hardship, sorrow and suffering by patients and families. We conclude that at times, professionals are affected by the same sentiments, and what differentiates the approach adopted depends on the concepts and beliefs of each with the situation.

Key-words: Nursing Care, Death, Terminally ill, Terminal care.

INTRODUÇÃO

Cuidar de indivíduos com doenças terminais é um modelo de atenção à saúde que vem sendo denominado de “cuidado paliativo”. É essencial aprender a enfrentar a perda no contexto de doença sem prognóstico. Desta forma, a Organização Mundial de Saúde preconiza o cuidado paliativo como a promoção da qualidade de vida do paciente e de seus familiares diante de patologias com prognóstico de vida limitado, por meio da prevenção e alívio do sofrimento, que demandam a identificação precoce, a avaliação e tratamento da dor, e outros problemas de ordem física, psicossocial e espiritual (SANTANA *et al.*, 2009).

Ressalta-se que a condição de terminalidade é descrita quando as possibilidades de resgatar as condições de saúde do paciente terminam e a possibilidade de morte próxima parece ser inevitável e previsível (GUTIERREZ, 2001).

Os cuidados prestados aos pacientes em estágio terminal, para serem considerados eficazes, exigem do enfermeiro além do conhecimento da patologia, a aptidão em lidar com os sentimentos do outro e com as próprias emoções diante do paciente com ou sem possibilidade de cura. É preciso ver uma aflição não dita, perceber o imperceptível, assimilar o que se esconde atrás das palavras e compreender os processos da morte e do morrer para que seja capaz de dar auxílio aos pacientes na sua finitude, pois a insuficiência destes aspectos é uma falha na prestação do cuidado tão almejada pela enfermagem (SOUSA *et al.*, 2009).

A assistência de enfermagem diante dos cuidados paliativos deve ver o paciente como um ser único, complexo e multidimensional. Para este tipo de cuidado humanizado, faz-se necessário que o enfermeiro utilize diversas formas de comunicação para uma melhor compreensão das necessidades do paciente; porém há falta de habilidades e conhecimentos por parte dos profissionais de enfermagem no que diz respeito à comunicação com o paciente sem possibilidade de cura (ARAÚJO; SILVA, 2007).

Diante do paciente sem possibilidades terapêuticas, faz-se necessário manter a saúde do mesmo com qualidade. Porém, para garanti-la, a equipe de enfermagem enfrenta dificuldades diante do confronto entre a manutenção da saúde e a doença ameaçando a continuidade da vida (SANTOS; PAGLIUCA; FERNANDES, 2007).

Os profissionais de saúde, dentre eles os de enfermagem, não estão preparados para lidar com os questionamentos relacionados à morte e ao

processo de morrer, visto que este é um tema considerado de pouca importância para as instituições de saúde, pois o hospital tem uma imagem ligada a um local de cura, e todos que o procuram têm a esperança de sair de lá curados (GUTIERREZ; CIAMPONE, 2007).

Segundo Sousa *et al.* (2009), é no cenário de multiplicidade relacionada à morte que os profissionais de enfermagem convivem diariamente, batalhando pela vida e contra a morte, levando para si a responsabilidade de cura ou alívio, já que a morte é geralmente vista por esses profissionais como um fracasso, sendo assim, duramente combatida.

O contexto de morte não é uma tarefa fácil, pois causa grande impacto diante dos profissionais envolvidos, sendo descrito como um fracasso pela equipe responsável pelo processo de cuidar. Diante deste contexto, este estudo objetivou identificar e descrever as percepções da equipe de enfermagem frente ao paciente fora de possibilidades terapêuticas.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura, que para sua estruturação, utilizou-se das seguintes etapas: identificação do tema e seleção da questão de pesquisa para a elaboração da revisão; definição de critérios para inclusão e exclusão de estudos ou busca na literatura; estabelecimento das informações para extração dos estudos selecionados/categorização dos estudos; interpretação dos resultados; apresentação da revisão/síntese do conhecimento obtido na qual foi realizada uma busca constituída de artigos científicos. Diante deste contexto, levando em consideração o tema abordado, surgiram os seguintes questionamentos: “Qual a percepção da equipe de enfermagem frente ao paciente fora de possibilidades terapêuticas e como a equipe vivencia essa fase?”.

Para a seleção dos artigos, foram utilizados como critérios de inclusão ter suas publicações em periódicos nacionais, no período de 2005 a março de 2015, de levantamento realizado no banco de dados de periódicos eletrônicos SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*), LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciência da Saúde), e da BIREME (Biblioteca Virtual em Saúde). Foram utilizados os seguintes descritores do DeCS e MeSH: Enfermagem; Morte; Doente terminal; Cuidado paliativo, todos associados com o operador booleano *and*.

A etapa de levantamento dos artigos ocorreu no período de Abril e Maio de 2015, quando foram encontrados, 125 no LILACS, 28 no SCIELO e 93 no BIREME, totalizando 246 artigos, os quais, após uma análise criteriosa seguindo os critérios de inclusão, terem sido publicados em periódicos nacionais, ano de publicação, ter sido publicado na língua portuguesa, duplicidade e que atendiam aos objetivos propostos, restaram 10 artigos.

Os dados coletados foram analisados através da técnica de categorização, que consiste na associação dos elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si, estabelecendo classificações para agrupar tais elementos a fim de descrevê-los (MINAYO, 2012). Classificaram-se os mesmos por temas abordados em três categorias: Dificuldades das enfermeiras frente ao processo de morte e morrer; Sentimentos

da equipe relacionados à morte e Estratégias utilizadas pela enfermagem como mecanismo de defesa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram pesquisadas fontes distintas sobre a percepção e a vivência da enfermagem frente ao paciente fora de possibilidades terapêuticas, sendo encontrados artigos científicos publicados em revistas brasileiras, após selecionados restaram-se 10 artigos segundo os critérios relacionados. Trabalhou-se com unidades compreensivas, agrupadas em três categorias intituladas: “Dificuldades da equipe de enfermagem frente ao processo de morte e morrer”; “Sentimentos da equipe relacionados à morte”; e, “Estratégias utilizadas pela enfermagem como mecanismo de defesa”. A Figura 01 faz referência a quantidade de artigos encontrados seguindo o critério do ano de publicação.

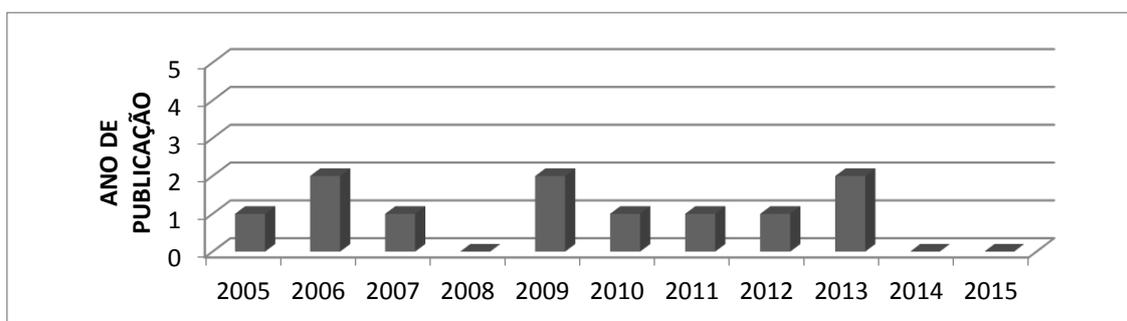


Figura 01: Ano de publicação dos artigos pesquisados.

O periódico com maior número de publicações sobre o tema foi a Revista Brasileira de Enfermagem com quatro publicações, Figura 02.

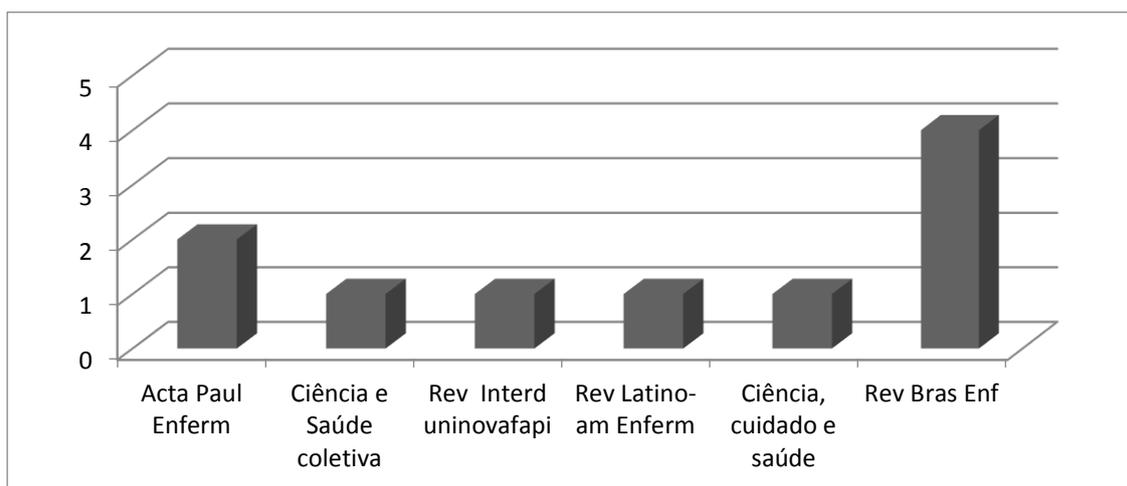


Figura 02: Artigos em revistas científicas relacionados ao tema.

Relacionando os artigos encontrados segundo o periódico, pode-se constatar que os 10 artigos publicados em 06 periódicos diferentes, sendo que

04 deles continham apenas uma publicação sobre o tema central desta pesquisa que eram: a Ciência e saúde coletiva, Revista Interdisciplinar-UNINOVAFAP, Revista Latino Americano Enfermagem, e Ciência, cuidado e saúde; Seguindo com 02 artigos a Acta Paulista Enfermagem.

Dificuldades das enfermeiras frente ao processo de morte e morrer

Segundo Oliveira *et al.* (2013), o profissional de saúde enfrenta dúvidas existenciais diante da morte, no dia a dia do trabalho, na maioria das vezes, não foi incentivado ainda na faculdade a pensar sobre a morte e o morrer, podendo ser atingido de forma inesperada pelo sofrimento, fazendo com que não consiga dar suporte ao indivíduo que está vivenciando a finitude, nem a seus familiares.

Ainda segundo o autor supracitado, há uma grande necessidade de orientar os profissionais na busca de uma formação que lhes ofereça embasamento para o enfrentamento da morte e do morrer; os mesmos referem que a falta de conhecimento sobre a morte pode intervir de maneira significativa no chamado “luto profissional”.

Desse modo, é necessário que as instituições formadoras invistam na capacitação dos alunos não apenas para habilidades técnicas e assistenciais. É preciso também aprender a desenvolver habilidades interpessoais de empatia, congruência, acolhimento e diálogo, elementos essenciais no cuidado humano, sobretudo diante da morte (BORGES; MENDES, 2012).

Há suposições que afirmam que os profissionais de enfermagem tenham restringido o conhecimento para trabalhar com a morte, através da formação voltada a ações técnicas e práticas e com poucos fundamentos diante das reais necessidades do paciente e da família no processo de morte e morrer. Assim, quando se defrontam com o paciente terminal, embora busquem realizar as tarefas da melhor forma possível, têm dificuldades para apoiar e confortar o paciente e a família (COSTA; LIMA, 2005).

A equipe de enfermagem busca estar distante do sofrimento dos pacientes, o que pode ser considerado uma dificuldade, levando em consideração que uma maior aproximação com pacientes e familiares pode lhes gerar sofrimento, pois passariam a ter sentimentos e reações diante do mesmo, sem separar o lado profissional do lado emocional. Também é definido como dificultoso pela equipe, o fato de trabalhar com o imprevisível, pois não podem prever os acontecimentos, nem se preparar para lidar com eles (ROSA *et al.*, 2006).

Essa autora mencionada, ainda identifica como dificuldade a relação dos profissionais com os familiares, diante do desejo de uma maior aproximação com estes, que na maioria das vezes não acontece por falta de tempo, pois os profissionais no seu dia a dia de trabalho precisam dar prioridade a outras atividades.

Assim, diante das dificuldades existentes, há uma grande necessidade de os profissionais buscarem uma formação com maior embasamento para enfrentar o processo de morte e morrer, bem como as instituições oferecerem uma formação voltada não apenas para as ações técnicas, já que a maioria das dificuldades referidas se relaciona com o não saber lidar com tal acontecimento.

Sentimentos da equipe relacionados à morte

A exposição dos profissionais de enfermagem a diversos sentimentos e situações que abrangem a assistência ao paciente terminal gera questões de como o profissional vivencia tais emoções. Vivenciar é definido como viver, sentir ou captar no seu interior, conceito que compreende mais do que uma descrição da prática da assistência, inclui aspectos críticos e subjetivos do relacionamento profissional-paciente e como esse binômio interfere no processo de saúde (MORAIS *et al.*, 2013).

Os estudos mostram que os sentimentos manifestados por profissionais de saúde relacionados à morte são negativos: medo, perda, sofrimento, tristeza, angústia, impotência, frieza, dor, fracasso e erro. A sensação de frustração nasce em contrapartida da formação acadêmica que é de recuperar a vida (SILVA JÚNIOR *et al.*, 2011).

Segundo Shimizu (2007), alguns profissionais de enfermagem declaram não compreenderem o significado da morte. Conseguem apenas identificar como um fenômeno que causa grande sofrimento, muito difícil de lidar e que a maioria das pessoas tem dificuldade de aceitação. Algumas mortes geram mais tristezas que outras, o grau de sofrimento depende da intensidade dos vínculos estabelecidos com os pacientes. O autor ainda cita que o impacto da morte dos pacientes interpreta a derrota de todos os esforços e investimentos feitos pela equipe.

A perda e a frustração são os sentimentos que mais aparecem frente a situações que envolvem a morte e o morrer nos estudantes de enfermagem. Junto a esses sentimentos, surge também o medo, que segundo os mesmos, está ligado à insegurança diante de algo tão misterioso e desconhecido (VARGAS, 2010).

Os profissionais referem sentimentos como decepção, impotência e perda. Ainda que enfrente a morte em seu cotidiano de trabalho, é difícil encará-la. Eles sentem-se na obrigação de manter a vida de seus pacientes, considerando a morte como um fracasso da equipe, o que gera angústia (SALOMÉ; CAVALI; ESPÓSITO, 2009).

Ao se defrontar com o seu limite no cuidar do outro, na maioria das vezes o profissional expressa esse limite identificando-se com o sofrimento, que por sua constante repetição, pode afetar seu estado de saúde (GUTIERREZ; CIAMPONE, 2006).

Ao finalizar essa categoria, observou-se que os profissionais de enfermagem vivenciam inúmeras situações difíceis, onde muitas vezes manifestam sentimentos de tristeza e sofrimento.

Estratégias utilizadas pela enfermagem como mecanismo de defesa

Em busca de evitar a angústia diante do paciente em fase terminal, os enfermeiros usam mecanismos de defesa como distanciamento, negação, despersonalização, a redução de decisões e responsabilidades. Outra forma de defesa emocional é o foco dos cuidados apenas no caráter técnico-científico, distanciando-se assim da assistência holística do paciente (TEIXEIRA; GORINI, 2008 *apud* MORAIS *et al.*, 2013).

De acordo com Morais *et al.* (2013), observa-se que alguns mecanismos de defesa são usados de forma inconsciente, involuntária, modificando aos poucos o comportamento dos profissionais; ainda assim, são importantes na manutenção do equilíbrio emocional e mental de profissionais que estão expostos a situações estressantes no seu dia a dia.

Os mecanismos de defesa são acionados pelo ego, e na maioria das vezes, são inconscientes. O ego tem a função de rejeitar de qualquer maneira, utilizando de diferentes formas de negação, a vivência e o conhecimento de situações que causam ansiedade. Ressaltando que quanto menos desenvolvido o ego estiver, mais rudimentar serão suas defesas (onipotência, negação, idealização, projeção e introjeção, entre outras); da mesma forma, quanto mais evoluído, defesas novas e mais organizadas serão utilizadas, como a repressão, a racionalização e a sublimação (SHIMIZU, 2007).

Enfrentar o sofrimento diante da perda de um paciente, conforme Silva Júnior *et al.* (2011), pode ser benéfico, desde que o profissional tenha uma autoestima elevada e maturidade suficiente para encarar situações deste tipo, orientado pela sua responsabilidade e ética profissional. Porém, para abster-se do mesmo é preciso buscar formas para lidar com ele, negando a sua existência ou acostumando-se com ela.

Portanto, no enfrentamento do sofrimento gerado pela morte dos pacientes, os profissionais de enfermagem buscam estratégias individuais e coletivas para amenizar o grau de sofrimento diante da morte dos pacientes de quem cuidam, tais como a negação, a repressão, racionalização, a naturalização e a criação de rotinas (SHIMIZU, 2007).

Há profissionais que buscam separar as emoções vividas no ambiente de trabalho da sua vida particular, levando em consideração que a morte gera um desgaste emocional muito forte. Para eles, essa é uma estratégia para não aumentar ainda mais o desgaste emocional (SHIMIZU, 2007).

De acordo com os dados utilizados, ficou evidente que a equipe de enfermagem utiliza as estratégias com uma forma de separação, buscando evitar o sofrimento, já que a morte gera um desequilíbrio emocional muito grande.

A maneira como cada profissional enfrenta a fase terminal de seu paciente é diferente, em alguns casos buscam evitar o sofrimento, lançam mão de defesas pessoais, para não sofrer com as perdas, e por isso são consideradas pessoas frias e desumanas. No entanto, os profissionais vivenciam situações que lhes propiciam aprendizagem de vida e experiência profissional.

CONCLUSÃO

Após a análise dos dados utilizados neste estudo, foi possível observar que a equipe de enfermagem tem um papel fundamental no que tange aos cuidados prestados ao paciente com ou sem possibilidade de cura, cujo processo de cuidar integra-se ao de tratar, fazendo com que conheçam suas habilidades e limitações diante das atividades desenvolvidas, mantendo uma posição de destaque, além de permanecer incansavelmente junto ao paciente proporcionando-lhe conforto e bem estar frente a sua condição no processo de morte e morrer.

Dentro da prática do cuidar, a equipe busca oferecer um atendimento de qualidade, respeitando a individualidade e particularidade de cada um, de forma harmoniosa, proporcionando-lhe autonomia.

Constatou-se que os profissionais vivenciam situações permeadas de dificuldades, tristeza e sofrimentos por parte dos pacientes e familiares, em alguns momentos são atingidos pelos mesmos sentimentos e o que diferencia a conduta adotada depende dos conceitos e crenças de cada profissional frente à situação.

Houve limitações no estudo, no que se diz respeito à busca nas bases de dados, pois percebe-se que há poucas publicações atuais relacionadas ao tema abordado.

Desta forma, espera-se que este estudo possa contribuir para uma nova percepção da equipe de enfermagem, através da busca por conhecimento para um melhor enfrentamento do processo de morte e morrer por parte dos profissionais, para que possam preservar a integridade física, emocional e espiritual, e oferecer alívio e conforto ao paciente, com maior satisfação na execução de suas tarefas. Para tanto, é necessária uma estrutura que garanta não só a continuidade da assistência, mas também, a integração da equipe, por ser quem está próximo ao paciente por mais tempo e a mesma quem realiza os cuidados.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, M.M.T.; SILVA, M.J.P. A comunicação com o paciente em cuidados paliativos: valorizando a alegria e o otimismo. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo , v. 41, n. 4, Dez. 2007. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-623420070004000-18&lng=en&nrm=iso. Acesso em 02 Ago. 2017.

BORGES, M.S.; MENDES, N. Representações de profissionais de saúde sobre a morte e o processo de morrer. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 65, n. 2, Apr. 2012. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672012000200019&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 Mar. 2017.

COSTA, J.C.; LIMA, R.A.G.. Luto da equipe: revelações dos profissionais de enfermagem sobre o cuidado à criança/adolescente no processo de morte e morrer. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto , v. 13, n. 2, Abr. 2005. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 Ago. 2017.

GUTIERREZ, B.A.O.; CIAMPONE, M.H.T. O processo de morrer e a morte no enfoque dos profissionais de enfermagem de UTIs. **Rev. esc. Enferm USP.**, São Paulo, v. 17, n. 1, mar. 2007. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0080-62342007000400017&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 01 Set. 2017.

GUTIERREZ, B.A.O.; CIAMPONE, M.H.T. Profissionais de enfermagem frente ao processo de morte em unidades de terapia intensiva. **Acta paul. enferm.**, São Paulo , v. 19, n. 4, Dez. 2006 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?sc-ript=sci_arttext&pid=S0103-21002006000400015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 Ago. 2017.

GUTIERREZ, P.L.. O que é o paciente terminal?. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, São Paulo , v. 47, n. 2, p. 92, jun. 2001 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302001000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 maio 2017.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 31 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012. 108 p.

MORAIS, I.C.P.S. *et al.* Vivência do enfermeiro frente ao paciente oncológico em fase terminal: uma revisão da literatura . **Rev. Interd.uninovafapi**, Teresina , v. 6, n. 1, jan.fev.mar. 2013 . Disponível em <http://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/13>. Acesso em: 19 Ago. 2015.

OLIVEIRA, P.P. *et al.* Percepção dos profissionais que atuam numa instituição de longa permanência para idosos sobre a morte e o morrer. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 18, n. 9, Set. 2013 . Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013001700018&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 Ago. 2017.

ROSA, A.F. *et al.* Percepções das enfermeiras frente aos sentimentos de quem vivencia o processo de morrer e morte. **Ciência, Cuidado e saúde**, Maringá, v.5, n. 2. Maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php-/CiencCuidSaude/article/view/5076/3295>. Acesso em 04. Ago. 2017.

SALOME, G.M.; CAVALI, A.; ESPOSITO, V.H.C. Sala de emergência: o cotidiano das vivências com a morte e o morrer pelos profissionais de saúde. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 62, n. 5, Out. 2009 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000500005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 Ago. 2017.

SANTANA, J. C. B. *et al.* Cuidados paliativos aos pacientes terminais: percepção da equipe de Enfermagem. **Bioethikos** – Centro Universitário São Camilo, v. 3, n. 1. 2009. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/68/77a86.pdf>. Acesso em: 01 Set. 2017.

SANTOS, M.C.L.; PAGLIUCA, L.M.F.; FERNANDES, A.C.F. Cuidados paliativos ao portador de câncer: reflexões sob o ponto de vista de Paterson e Zderad. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 2, abr 2007. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692007000200024&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 Set. 2017.

SILVA JUNIOR, F.J.G. *et al.* Processo de morte e morrer: evidências da literatura científica de enfermagem. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 64, n. 6, Dez. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672011000600020&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 Ago. 2017.

SHIMIZU, H.E. Como os trabalhadores de enfermagem enfrentam o processo de morrer. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 60, n. 3, Jun 2007 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000300002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 Ago. 2017.

SOUSA, D. M. *et al.* A vivência da enfermeira no processo de morte e morrer dos pacientes oncológicos. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 18, n. 1, mar. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072009000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 set. 2017.

VARGAS, D. Morte e morrer: sentimentos e condutas de estudantes de enfermagem. **Acta paul. enferm.**, São Paulo , v. 23, n. 3, Jun 2010 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002010000300015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 Ago. 2017.